

---

**MOBILIZAÇÃO DE RECURSOS E MOVIMENTOS  
SOCIAIS:**

***Uma Teoria Parcial\****

John D. McCarthy \*\*

Mayer N. Zald \*\*

---

Resumo: As análises anteriores dos movimentos sociais e organizações dos movimentos sociais geralmente partem de uma concepção que apresenta uma relação estreita entre as frustrações ou descontentamentos de uma coletividade de atores e o crescimento e declínio das atividades do movimento. O questionamento da centralidade teórica deste pressuposto direciona a análise do movimento social para longe dessa ênfase sobre a psicologia social dos participantes dos movimentos sociais. Posteriormente, ele pode ser mais facilmente integrado às teorias estruturais do processo social. Este

---

\* Para comentários críticos, úteis e perspicazes sobre uma versão anterior deste artigo, estamos em dívida com Gary Long, Anthony Oberschall, Anthony Orum, Kathy Pearce, Jack Seidman, Benjamin Walter e os excelentes revisores anônimos deste Jornal [*The American Journal Of Sociology* – NT]. Esta linha de pesquisa e a preparação do manuscrito foram apoiadas pelo Conselho de Pesquisa da Universidade de Vanderbilt.

Tradução: Nildo Viana.

\*\* Universidade Católica; Universidade de Vanderbilt.

---

Movimentos Sociais. Vol. 02, num. 02, jan./jun. 2017.  
[153]

ensaio apresenta um conjunto de conceitos e proposições relacionados que são retirados de uma perspectiva de mobilização de recursos. Ela enfatiza a variedade e fontes dos recursos; a relação dos movimentos sociais com os meios de comunicação, autoridades e outros elementos; e a interação entre as organizações do movimento. Algumas proposições foram desenvolvidas para explicar a atividade do movimento social, abrangendo vários níveis – o setor do movimento social, a indústria do movimento social e a organização do movimento social.

Existiu, por algum tempo, um hiato nos estudos dos movimentos sociais nos Estados Unidos. Os líderes dos movimentos, no decurso do ativismo, aqui e no exterior, realizaram a tentativa de enunciar os princípios gerais relativos à tática e estratégia do movimento, bem como a superação dos dilemas que surgem em ambientes hostis. Líderes como Mao, Lênin, Saul Alinsky e Martin Luther King tentaram, por sua vez, desenvolver princípios e diretrizes para a ação. As teorias dos ativistas enfatizam os problemas de mobilização, a fabricação do descontentamento, as escolhas táticas e a infraestrutura da sociedade e as ações necessárias para o seu sucesso. Simultaneamente, os sociólogos, com a sua ênfase na tensão estrutural, na crença generalizada e na privação, têm, em grande parte, ignorado os problemas em curso e os dilemas estratégicos dos movimentos sociais.

Recentemente, um certo número de cientistas sociais começou a articular uma abordagem dos movimentos sociais, a chamada abordagem de mobilização de recursos, que começou a levar a sério as muitas questões que eram realizadas por líderes de movimentos sociais

---

Movimentos Sociais. Vol. 02, num. 02, jan./jun. 2017.  
[154]

e teóricos práticos. Sem buscar produzir manuais para a mudança social (ou para sua supressão), a nova abordagem lida, em termos gerais, com a dinâmica e táticas de crescimento, declínio e mudança dos movimentos sociais. Assim, oferece um corretivo para os teóricos práticos que, naturalmente, estão mais preocupados em justificar suas próprias escolhas táticas e, acrescenta, ainda, realismo, poder e profundidade para a pesquisa e análise truncada dos movimentos sociais realizadas por muitos cientistas sociais.

A abordagem de mobilização de recursos enfatiza tanto a base social quanto a limitação do fenômeno movimento social. Ela examina a variedade de recursos que deve ser mobilizada, as ligações dos movimentos sociais com outros grupos, a dependência dos movimentos em relação ao suporte externo para o seu sucesso, e as táticas usadas pelas autoridades para controlar ou incorporar os movimentos sociais. A mudança de ênfase é evidente em grande parte do trabalho publicado recentemente nesta área (J. Q. WILSON 1973; TILLY 1973, 1975; TILLY, TILLY, e TILLY 1975; GAMSON 1975; OBERSCHALL 1973; LIPSKY 1968; DOWNS 1972; MCCARTHY e ZALD, 1973). A nova abordagem depende mais de teorias políticas, sociológicas e econômicas do que da psicologia social do comportamento coletivo .

Este trabalho apresenta um conjunto de conceitos e proposições que articulam a abordagem de mobilização de recursos. É uma teoria parcial porque toma como dados, como constantes, certos componentes de uma teoria completa. As proposições são fortemente baseadas no caso norte-americano, de modo que o impacto das

---

Movimentos Sociais. Vol. 02, num. 02, jan./jun. 2017.  
[155]

diferenças sociais no desenvolvimento e na estrutura política nos movimentos sociais é inexplorado, assim como as diferenças de níveis e tipos de comunicação de massa. Além disso, nós dependemos fortemente do material relativo ao caso das organizações de esquerda, ignorando, na sua maior parte, as organizações de direita.

O corpo principal do artigo define os nossos conceitos centrais e apresenta hipóteses ilustrativas sobre o setor do movimento social (SMS), indústrias de movimento social (IMS) e organizações dos movimentos sociais (OMS) . No entanto, uma vez que vemos esta abordagem como um afastamento da principal tradição na análise do movimento social, é útil começar esclarecendo o que consideramos como sendo os limites dessa tradição.

#### Perspectivas Enfatizadoras de Privação e Crenças

Sem dúvida, as três abordagens mais influentes para a compreensão do fenômeno do movimento social, na sociologia americana durante a última década, são as de Gurr (1970), Turner e Killian (1972), e Smelser (1963) . Eles diferem em vários aspectos. Mas, mais importante, eles têm em comum fortes hipóteses, compartilhando a ideia de que as reivindicações e crenças generalizadas (ideologias vagas) são condições prévias importantes para o surgimento de um movimento social em uma coletividade e sobre as causas e possíveis meios de redução das reivindicações. Um aumento do grau ou intensidade de reivindicações ou privação e o desenvolvimento da

---

Movimentos Sociais. Vol. 02, num. 02, jan./jun. 2017.  
[156]

ideologia ocorre antes do aparecimento do fenômeno dos movimentos sociais. Cada uma dessas perspectivas sustenta que o descontentamento produzido por uma combinação de condições estruturais é uma condição necessária, se não suficiente, para explicar o surgimento de um movimento social específico. Estas abordagens afirmam que para ser possível uma ação coletiva é necessário, dentro de uma coletividade, existir, no mínimo, uma crença generalizada (ou justificação ideológica), as causas de descontentamento e, em certas condições, os modos de reparação. Grande parte do trabalho empírico que foi realizada e elaborada em cima destas perspectivas tem enfatizado ainda mais fortemente a importância de compreender as reivindicações e privação dos participantes. Na verdade, os estudiosos seguidores de Gurr, Smelser e Turner e Killian muitas vezes ignoram fatores estruturais, embora os autores citados sejam sensíveis às influências estruturais e sociais mais amplas, assim como alguns outros .

O trabalho empírico recente, no entanto, levou-nos a duvidar da hipótese de uma ligação estreita entre o descontentamento preexistente e crenças generalizadas e a origem dos fenômenos dos movimentos sociais . Uma série de estudos tem mostrado pouco ou nenhum apoio para as relações esperadas entre privação objetiva ou subjetiva e a eclosão de fenômenos de movimento social e vontade de participar na ação coletiva (SNYDER e TILLY, 1972; MUELLER, 1972; BOWEN et al., 1968; CRAWFORD e NADITCH, 1970). Outros estudos não conseguiram dar suporte para a expectativa de uma crença generalizada antes de surtos de episódios de comportamento coletivos

---

Movimentos Sociais. Vol. 02, num. 02, jan./jun. 2017.  
[157]

ou envolvimento inicial com o movimento (QUARANTELLI e HUNDLEY, 1975; MARX, 1970; STALLINGS, 1973). Charles Tilly, parcialmente como resultado de tal evidência, ao discutir a revolução e violência coletiva, é levado a argumentar que esses fenômenos fluem diretamente dos processos políticos centrais de uma população ao invés de expressar tensões e insatisfações difusas e momentaneamente elevadas dentro de uma população (TILLY, 1973).

Além disso, o foco pesado sobre o estado psicológico da massa dos aderentes potenciais do movimento dentro de uma coletividade tem sido acompanhado por uma falta de ênfase sobre os processos pelos quais há o envolvimento de pessoas e instituições externas à esta coletividade. Por exemplo, os liberais brancos do Norte no movimento dos direitos civis do Sul ou os russos e cubanos em Angola. Embora as perspectivas anteriores não excluam as possibilidades de tal envolvimento por parte de pessoas externas, elas não incluem tais processos como fenômenos centrais e duradouros para serem utilizados na explicação do comportamento do movimento social.

A evidência ambígua de algumas das pesquisas sobre a privação, privação relativa e a crença generalizada nos levou a procurar uma perspectiva e um conjunto de pressupostos que diminuam a ênfase predominante sobre as reivindicações. Queremos passar de uma suposição forte sobre a centralidade da privação e reivindicações a uma fraca, tornando-a um componente, de fato, na geração dos movimentos sociais. No entanto, às vezes, um componente secundário.

Estamos dispostos a assumir o que Turner e Killian (1972) denominaram suposição extrema: "... sempre há descontentamento suficiente em qualquer sociedade para fornecer a base de apoio para um movimento, se este é efetivamente organizado e tem à sua disposição o poder e os recursos de algum grupo de elite estabelecido" (p. 251). O nosso objetivo é avançar ainda mais: reivindicações e descontentamento podem ser definidos, criados e manipulados por iniciativa de empresários e organizações.

Adotamos uma suposição fraca a esse respeito não só por causa da evidência negativa (já mencionada) sobre a suposição mais forte, mas também porque, em alguns casos, a experiência recente confirma a mais fraca. Por exemplo, os cidadãos idosos que foram mobilizados em grupos para fazer lobby pelo Medicare só se constituíram depois que a legislação foi levada ao Congresso e a Associação Médica Americana afirmou que os idosos não estavam reclamando sobre os cuidados médicos disponíveis para eles (ROSA, 1967). Os cidadãos idosos foram organizados em grupos através dos esforços de um grupo de pressão criada pela AFL-CIO. Sem dúvida, o dinheiro era necessário para os cuidados médicos dos idosos. No entanto, o que é importante entender é que a organização não se desenvolveu diretamente dessa reivindicação, a não ser muito indiretamente. Ela ocorreu principalmente através dos movimentos dos atores do sistema político. Adotar uma suposição fraca conduz diretamente a uma ênfase sobre os processos de mobilização. A nossa

preocupação é buscar as ferramentas analíticas adequadas para explicar esses processos.

#### A mobilização de recursos

A perspectiva de mobilização de recursos adota como um de seus problemas subjacentes o desafio de Olson (1965): uma vez que os movimentos sociais proporcionam bens coletivos, alguns indivíduos irão “por conta própria” suportar os custos de trabalho para obtê-los. Explicar o comportamento coletivo requer atenção detalhada à seleção de incentivos, mecanismos ou estruturas de redução de custos e, ainda, a benefícios profissionais que levam ao comportamento coletivo (ver, especialmente, OBERSCHALL, 1973).

Várias ênfases são centrais para a perspectiva que ele tem desenvolvido . Em primeiro lugar, o estudo da captação de recursos (dinheiro e trabalho) é crucial para a compreensão da ação do movimento social. Os recursos são necessários para o engajamento no conflito social e por isso devem ser captados para atingir os propósitos coletivos. Em segundo lugar, a captação de recursos requer alguma forma mínima de organização, e, portanto, implícita ou explicitamente, vamos nos concentrar mais diretamente sobre organizações do movimento social do que aqueles que trabalham dentro da perspectiva tradicional. Em terceiro lugar, na explicação dos sucessos e fracassos de um movimento, há um reconhecimento explícito da importância crucial do envolvimento por parte de indivíduos e organizações externos à coletividade que um movimento social representa. Em quarto lugar, às vezes explicitamente, um modelo de oferta e procura é por

---

Movimentos Sociais. Vol. 02, num. 02, jan./jun. 2017.  
[160]



vezes aplicado ao fluxo de recursos para e a partir de movimentos sociais específicos. Finalmente, há uma sensibilidade em relação à importância dos custos e benefícios para explicar o envolvimento individual e organizacional nas atividades do movimento social. Os custos e os benefícios são centralmente afetados pela estrutura da sociedade e pelas atividades das autoridades.

Podemos resumir a perspectiva emergente, contrastando-a com o tradicional tal como segue:

1. Base de apoio:

A. Tradicional. Os movimentos sociais são baseados em populações descontentes que fornecem os recursos e mão de obra necessários. Embora os estudos de caso possam mencionar apoios externos, eles não são incorporados como componentes centrais de análise.

B. Mobilização de Recursos. Os movimentos sociais podem ou não se basear em reivindicações dos beneficiários presumidos. Os constituintes conscientes podem fornecer importantes fontes de apoio, individual ou organizacional. E em alguns casos os apoiadores – aqueles que fornecem dinheiro, instalações e até mesmo força de trabalho, podem não ter nenhum compromisso com os valores que fundamentam a movimentos específicos.

---

Movimentos Sociais. Vol. 02, num. 02, jan./jun. 2017.  
[161]

## 2. Estratégia e táticas

A. Tradicional. Os líderes do movimento social usam barganha, persuasão ou violência para influenciar as autoridades no sentido da mudança. As escolhas de táticas dependem da história prévia de relações com autoridades, relativo sucesso dos confrontos anteriores e ideologia. As táticas também são influenciadas pela oligarquização e institucionalização da vida organizacional.

B. Mobilização de Recursos. A preocupação com a interação entre os movimentos e as autoridades é aceita, mas importa igualmente notar que as organizações dos movimentos sociais têm um número de tarefas estratégicas. Estas incluem a mobilização de apoiadores, neutralizar e/ou transformar as massas e o público de elite em simpatizantes, alcançar uma mudança nos objetivos. Podem ocorrer dilemas na escolha das táticas, pois aquilo que pode servir para atingir um objetivo pode também entrar em contradição com o comportamento destinado a atingir outro objetivo. Além disso, as táticas são influenciadas pela competição interorganizacional e cooperação.

## 3. Relação com a sociedade em geral

A. Tradicional. Os estudos de caso têm enfatizado os efeitos do ambiente sobre as organizações do movimento, especialmente no que diz respeito à mudança de objetivos, mas têm ignorado, na sua

---

Movimentos Sociais. Vol. 02, num. 02, jan./jun. 2017.  
[162]

maior parte, as formas pelas quais tais organizações do movimento podem utilizar o ambiente para os seus próprios fins (ver PERROW, 1972). Isto, provavelmente, tem sido largamente o resultado da falta de foco organizacional comparativo inerente aos estudos de caso. Em estudos analíticos, a ênfase é sobre o grau de hostilidade ou tolerância na sociedade em geral. Sociedade e cultura são tratadas sob forma descritiva, como contexto histórico.

B. Mobilização de Recursos. A sociedade fornece a infraestrutura que as indústrias do movimento social e outras indústrias utilizam. Os aspectos utilizados incluem meios de comunicação e despesas, os níveis de afluência, o grau de acesso aos centros institucionais, redes preexistentes e estrutura ocupacional e crescimento.

#### Elementos teóricos

Tendo esboçado a perspectiva emergente, a nossa tarefa agora é apresentar uma formulação mais precisa dela. Nesta seção, vamos apresentar os nossos conceitos e definições mais gerais. Os conceitos de âmbito mais restrito serão apresentados nas próximas seções.

Um movimento social é um conjunto de opiniões e crenças em uma população que manifesta preferência pela mudança em alguns elementos da estrutura social e/ou na distribuição de recompensas em uma sociedade . Um contramovimento é um conjunto de opiniões e

---

Movimentos Sociais. Vol. 02, num. 02, jan./jun. 2017.  
[163]

crenças em uma população em oposição a um movimento social. Como é evidente, vemos movimentos sociais como nada mais do que as estruturas de preferências voltadas para a mudança social. Isto é muito semelhante ao que os sociólogos políticos chamariam de questões de clivagens . (Na verdade, o processo que estamos explorando assemelha-se ao que os cientistas políticos chamam agregação de interesses, com a exceção de que estamos preocupados mais com as margens do sistema político do que com as estruturas partidárias existentes).

A distribuição das estruturas preferenciais pode ser abordada de várias formas. Quem possui as crenças? Com qual intensidade elas são mantidas? A fim de prever a probabilidade das preferências serem traduzidas em ação coletiva, a perspectiva da mobilização de recursos focaliza a organização preexistente e a integração dos segmentos de uma população que compartilham preferências. Oberschall (1973) apresentou uma importante síntese dos trabalhos anteriores sobre a organização preexistente de estruturas de preferência, enfatizando as oportunidades e os custos da expressão de preferências para os líderes do movimento e seguidores. Os movimentos sociais nos quais as populações relacionadas são altamente organizadas internamente (sob forma comunitária ou associativa) são mais propensos do que os outros para desenvolver formas organizadas.

Uma organização de movimento social (OMS) é uma organização formal ou complexa que identifica seus objetivos com as preferências de um movimento social ou um contramovimento e tenta implementar esses objetivos . Se pensarmos no recente movimento de

---

Movimentos Sociais. Vol. 02, num. 02, jan./jun. 2017.  
[164]

direitos civis nestes termos, o movimento social continha uma grande parcela da população que possuía preferências para a mudança que visava “justiça para negros americanos” e também diversas organizações de movimentos sociais (OMSs), tais como o Comitê de Coordenação Estudantil Não-Violento (SNCC), o Congresso da Igualdade Racial (CORE), a Associação Nacional para a Promoção de Pessoas de Cor (NAACP) e Congresso das Lideranças Cristãs do Sul (SCLC). Estas OMSs representaram e deram forma às preferências amplamente defendidas e diversas subpreferências do movimento social.

O conjunto das OMSs que têm como objetivo a realização das mais amplas preferências de um movimento social constitui uma indústria de movimento social (IMS). É o análogo organizacional de um movimento social. Um conceito semelhante ao de IMS foi utilizado por Von Eschen, Kirk e Pinard (1971): “subestrutura organizacional da política desordenada”, nos ajudou na análise do movimento dos direitos civis, em Baltimore. Ela demonstra que muitos dos participantes da manifestação de 1961, patrocinada pela divisão local do CORE, também estavam envolvidos na NAACP, SCLC, ADA (Americanos pela Ação Democrática) ou YPSA (Aliança Socialista do Povo Jovem). Estas organizações ou eram prioritariamente preocupadas com objetivos semelhantes aos do CORE ou incluíam tais objetivos como parte de objetivos mais amplos de mudança social. (O conceito empregado por Von Eschen e outros autores é um pouco mais amplo que o nosso, tal como se verá a seguir).

---

Movimentos Sociais. Vol. 02, num. 02, jan./jun. 2017.  
[165]

As definições do termo central, movimento social, tipicamente incluíram elementos de preferência e ações organizadas com o objetivo de promover mudanças. Separar de forma analítica esses componentes, ao distinguir entre um MS e uma IMS, tem várias vantagens. Em primeiro lugar, enfatiza que os movimentos sociais nunca estão totalmente mobilizados. Em segundo lugar, ele se concentra explicitamente no componente organizacional da atividade. Em terceiro lugar, reconhece explicitamente que os movimentos sociais são tipicamente representados por mais de uma OMS. Finalmente, a distinção permite a possibilidade de uma análise do crescimento e declínio de uma IMS, que não é totalmente dependente do tamanho de um MS ou da intensidade das preferências dentro dele.

Nossas definições de MSs, IMS e OMSs destinam-se a incluir os fenômenos que os analistas incluíram no passado. Os movimentos sociais podem abranger preferências restritas ou amplas, preferências milenares e evangelísticas e preferências de abstinência. As organizações podem representar qualquer dessas preferências.

A definição de IMS é análoga ao conceito de indústria na economia. Note-se que os economistas também são confrontados com a dificuldade de selecionar critérios mais amplos ou mais restritos para a inclusão de empresas dentro de uma indústria. Por exemplo, pode-se definir uma indústria de móveis, uma indústria de sofá ou uma indústria de cadeira. A substitubilidade próxima de uso de um produto e, portanto, a interdependência de demanda, constitui a base teórica para a definição dos limites de uma indústria. Os economistas usam as

---

Movimentos Sociais. Vol. 02, num. 02, jan./jun. 2017.  
[166]

classificações do Censo dos Manufaturados, que não se baseiam estritamente na interdependência da demanda. Por exemplo, por um lado, vários tipos de aço são tratados como uma indústria, embora os tipos (rolado, plano, fio) não sejam substituíveis. Por outro lado, alguns produtos são classificados separadamente (por exemplo, açúcar de beterraba, açúcar de cana) quando são quase totalmente substituíveis (BAIN, 1959, pp. 111-18).

A nossa tarefa é resolver a questão de como agrupar OMSs em IMS. Este é um problema difícil porque as OMSs particulares podem ser amplas ou restritas nos objetivos alvos estabelecidos. Em qualquer conjunto de circunstâncias empíricas, o analista deve decidir o quão estritamente vai trabalhar para definir os limites da indústria. Por exemplo, pode-se falar da IMS que visa realizar alterações para liberalizar o aborto nas leis, práticas e opinião pública. Esta IMS incluiria uma série de OMSs. Mas essas OMSs também podem ser consideradas parte de uma IMS mais ampla que é comumente conhecida como o “movimento de libertação das mulheres” ou podem ser parte do “movimento de controle da população”. Do mesmo modo, o movimento de direitos civis anterior a 1965 poderia ser considerado parte do movimento mais amplo de liberdades civis.

Os economistas lidaram com essa dificuldade ao desenvolver categorias de inclusão mais amplas, às vezes chamadas de setores. Mesmo esta convenção, no entanto, não enfrentam as dificuldades de alocação de firmas (OMSs) que são conglomerados, que produzem produtos em indústrias e até em setores. Na moderna sociedade

---

Movimentos Sociais. Vol. 02, num. 02, jan./jun. 2017.  
[167]

estadunidense, há uma série de OMSs que podem ser pensadas como conglomerados na medida em que abrangem, em seus objetivos, IMSs mais estreitamente definidas. A Causa Comum, o Comitê de Serviço de Amigos Americanos (AFSC) e a Sociedade de Reconciliação (FOR) são mais adequadamente compreendidas através destes termos, pois cada um persegue uma grande variedade de objetivos organizacionais. Seria difícil inseri-las dentro de um conjunto de IMSs mesmo que amplamente definidas. O setor de movimento social (SMS) é composto por todas as IMS em uma sociedade, independentemente dos movimentos sociais a que estão ligados. A importância desta distinção será esclarecida abaixo.

Voltemos agora ao caso da mobilização de recursos de uma OMS. Cada OMS tem objetivos alvos, um conjunto de preferências de mudanças em relação às quais afirma estar funcionando. Tais objetivos podem ser amplos ou restritos e eles são os elementos das OMSs que as vinculam conceitualmente com MSs e IMS específicos. As OMSs devem possuir recursos, por menores que sejam e de qualquer tipo, para trabalhar em direção à realização de seus objetivos. Nesse caso, indivíduos e outras organizações controlam recursos, que podem incluir legitimidade, dinheiro, instalações e trabalho.

Embora organizações similares variem enormemente na eficiência com que traduzem recursos em ação (KATZ, 1974), a quantidade de atividade direcionada para a realização de seus objetivos é, grosso modo, em função dos recursos controlados por uma organização. Algumas organizações podem depender fortemente do

---

Movimentos Sociais. Vol. 02, num. 02, jan./jun. 2017.  
[168]



trabalho voluntário, enquanto que outras podem depender da mão-de-obra paga. Em ambos os casos, os recursos devem ser controlados ou mobilizados antes que a ação seja possível.

Do ponto de vista de uma OMS, os indivíduos que existem em uma sociedade podem ser classificados sob várias formas. Para um MS correspondente, existem aderentes e não aderentes. Os aderentes são aqueles indivíduos e organizações que acreditam nos objetivos do movimento. Os constituintes de uma OMS são aqueles que fornecem recursos para ele.

Em um nível, a tarefa de mobilização de recursos é principalmente a de converter os aderentes em constituintes e manter o envolvimento dos constituintes. No entanto, em outro nível, a tarefa pode ser vista como transformar não aderentes em aderentes. Ralph Turner (1970) usa o termo público espectador para denotar os não-aderentes que não são oponentes do MS e suas OMSs, mas que meramente testemunham a atividade do movimento social. É útil distinguir constituintes, aderentes, público espectador e oponentes em várias outras dimensões. Um refere-se ao tamanho do pool de recursos controlados por cada um deles. Devemos usar os termos massa e elite para descrever, grosso modo, essa dimensão. A massa de constituintes, aderentes, públicos espectadores e oponentes são aqueles indivíduos e grupos que controlam pools de recursos muito limitados. O pool de recursos mais limitado que os indivíduos podem controlar é o seu próprio tempo e trabalho. As elites são aqueles que controlam pools maiores de recursos.

---

Movimentos Sociais. Vol. 02, num. 02, jan./jun. 2017.  
[169]

Cada um desses grupos também pode ser distinguido se será beneficiado diretamente ou não com a realização dos objetivos da OMS. Alguns espectadores, por exemplo, podem se beneficiar diretamente da realização dos objetivos organizacionais, mesmo que eles não sejam aderentes do MS correspondente. Para mencionar um exemplo específico, as mulheres que se opõem às preferências do movimento de libertação das mulheres ou que não possuem preferências relevantes podem se beneficiar de oportunidades de emprego obtidas para mulheres atendidas por grupos de mulheres. Aqueles indivíduos que serão beneficiados diretamente da realização dos objetivos das OMSs chamaremos de potenciais beneficiários .

As OMSs, ao tratar da tarefa de mobilização de recursos, podem centrar a sua atenção sobre aderentes que são potenciais beneficiários e/ou tentar converter públicos espectadores que são potenciais beneficiários em aderentes. Elas também podem expandir seus objetivos visando a ampliação do potencial grupo beneficiário. Muitas OMSs tentam apresentar suas realizações de objetivos em termos de benefícios potenciais mais amplos para grupos cada vez maiores de cidadãos através de noções de uma sociedade melhor, etc. (benefícios secundários). Finalmente, uma OMS pode tentar mobilizar como aderentes aqueles que não são potenciais beneficiários. Os aderentes conscientes são indivíduos e grupos que fazem parte do MS correspondente, mas não se beneficiam diretamente com a realização do objetivo da OMS. Os constituintes conscientes são apoiadores

diretos de uma OMS que não se beneficiam diretamente de seu sucesso na realização de seus objetivos .

Williarp Gamson (1975) faz, essencialmente, a mesma distinção, chamando de universalistas os grupos com objetivos destinados a ajudar os não-constituintes e de não-universalistas aqueles cujos beneficiários e constituintes são idênticos. Gamson conclui, no entanto, que essa distinção não é teoricamente importante, uma vez que as OMSs com qualquer dos tipos de constituintes têm problemas idênticos ao vinculá-los à organização. Procurar mudanças em proveito de outrem não é maior “irracionalidade”, no sentido atribuído por Olson, do que em proveito próprio. Em ambos os casos, o compromisso deve ser conquistado por meios que vão além dos incentivos intencionais. A evidência apresentada por Gamson sugere que essa dimensão não tem muita relação com o sucesso da OMS na realização de seus objetivos ou na obtenção de legitimidade. No entanto, salientamos abaixo que a distinção deve ser mantida: ela resume acréscimos e características sociais importantes dos constituintes. Os problemas da OMS relacionados com os componentes vinculativos dos beneficiários e constituintes conscientes com a organização são diferentes, não em relação ao grau de envolvimento individual com a realização dos objetivos (o problema Olson), mas em relação à forma como os constituintes estão ligados entre si e a outras OMSs, organizações e instituições sociais (ver também J. Q. WILSON, 1973).

O potencial de mobilização de recursos das OMSs também é afetado pelas autoridades e agentes delegados de controle social (por

---

Movimentos Sociais. Vol. 02, num. 02, jan./jun. 2017.  
[171]

exemplo, a polícia). Embora as autoridades e agentes de grupos de controle normalmente não se tornam constituintes de OMSs, a sua capacidade para frustrar (através do que é geralmente denominado controle social) ou para permitir a mobilização de recursos são de importância crucial. Sua ação afeta a disponibilidade dos espectadores, aderentes e constituintes para alterar seu próprio status e compromisso. E esses mesmos agentes podem se tornar aderentes e constituintes. Porque eles nem sempre agem em comum acordo. Marx (1974) constitui um forte argumento a favor da ideia de que as autoridades e agentes delegados de controle devem ser analisados separadamente.

A divisão dos grupos em massa ou elite e a entre público espectador beneficiário ou consciente, aderentes, constituintes e oponentes, nos permite descrever de forma mais sistemática os estilos e dilemas de mobilização de recursos de OMSs específicas. É claro que uma OMS transformar públicos espectadores em aderentes pode ser vantagem. Mas, uma vez que os recursos de uma OMS são geralmente bem limitados, é necessário tomar decisões sobre a alocação desses recursos e a conversão dos públicos espectadores pode não ajudar no desenvolvimento de recursos adicionais. Tais escolhas têm implicações para a organização interna de uma OMS e o tamanho potencial do pool de recursos que pode ser mobilizado em última instância. Por exemplo, uma OMS que tem uma base de beneficiários de massa e concentre seus esforços de mobilização de recursos para os aderentes beneficiários de massa provavelmente restringirá severamente a quantidade de recursos que ela pode aumentar. Em outro lugar (MCCARTHY e ZALD, 1973),

---

Movimentos Sociais. Vol. 02, num. 02, jan./jun. 2017.  
[172]

chamamos a OMS focada em aderentes beneficiários de recursos de OMS clássica. As organizações que reúnem recursos diretos principalmente para os aderentes conscientes tendem a utilizar poucos constituintes para o trabalho organizacional. Chamamos essas organizações de OMSs profissionais.

Outro padrão de mobilização de recursos e realização de objetivos pode ser identificado a partir dos escritos de Lipsky (1968) e Bailis (1974). Ele depende das interações entre constituintes beneficiários, aderentes conscientes e autoridades. Uma OMS típica desse padrão é uma massa de beneficiários constituintes que lucraria com a realização dos objetivos (por exemplo, a Organização de Direitos de Bem-Estar de Massachusetts), mas que tem poucos recursos. As estratégias de protesto chamam a atenção e os recursos dos aderentes conscientes da OMS e das elites conscientes em defesa de tais grupos de massa podem legitimar a OMS junto às autoridades. Como resultado de um padrão semelhante, os trabalhadores agrícolas migrantes se beneficiaram com a conversão das autoridades em aderentes (JENKINS e PERROW, no prelo).

Mas uma OMS não tem total liberdade de escolha entre os tipos de decisões que aludimos anteriormente. Essas escolhas são limitadas por uma série de fatores, incluindo a organização preexistente de vários segmentos dos MSs, bem como o tamanho e diversidade de IMS da qual ela faz parte e, ainda, a posição competitiva do SMS (MCCARTHY e ZALD 1974; ZALD e MCCARTHY 1974). Além disso, é claro, a capacidade de qualquer OMS para angariar recursos é

---

Movimentos Sociais. Vol. 02, num. 02, jan./jun. 2017.  
[173]

moldada por eventos importantes, tais como a guerra, as tendências econômicas gerais e desastres naturais.

#### ELEMENTOS APLICADOS: HIPÓTESES ILUSTRATIVAS

Vamos prosseguir formulando hipóteses sobre as inter-relações entre a estrutura social, SMS, IMSs e OMSs. Ocasionalmente, introduziremos conceitos específicos. Como os níveis de análise se sobrepõem, os subtítulos abaixo devem ser vistos como rudes dispositivos organizadores ao invés categorias analíticas.

##### Recursos, o SMS e o crescimento da IMS

Ao longo do tempo, o tamanho relativo do SMS em qualquer sociedade pode variar significativamente. Ele, geralmente, tem uma relação com a quantidade de riqueza em uma sociedade. Daí a primeira hipótese: à medida que aumenta a quantidade de recursos disponíveis dos públicos de massa e de elite, também aumenta a quantidade absoluta e relativa de recursos para o SMS. Esta hipótese é mais um postulado orientador do que uma hipótese diretamente testável, mas é central para nossa perspectiva. E algumas evidências relacionadas que dão suporte a ela podem ser apresentadas.

Entendemos por recursos disponíveis o tempo e dinheiro que podem facilmente ser realocados, sendo o oposto de compromisso fixo e duradouro de tempo e dinheiro. Em qualquer sociedade, o SMS deve competir com outros setores e indústrias pelos recursos da população. Para a maioria da população, a alocação de recursos para as OMSs é de

---

Movimentos Sociais. Vol. 02, num. 02, jan./jun. 2017.  
[174]

prioridade menor do que a alocação para material de necessidades básicas, tais como alimentos e habitação. Sabe-se que a proporção de renda gasta com alimentação e habitação é maior para as famílias de baixa renda, enquanto que a proporção de renda gasta em poupança e recreação é maior nas famílias de alta renda (SAMUELSON, 1964). As OMSs realizam uma competição por recursos da população com o entretenimento, associações voluntárias e organizações religiosas e políticas.

Existem evidências transversais de que quanto maior a renda, maior a doação média para atividades de caridade e maior proporção da renda total doada (ver MORGAN, DYE e HYBELS, 1975; DEPARTAMENTO DE TESOURARIA DOS EUA, 1965). Além disso, Morgan e outros (1975) mostram que (1) quanto maior a educação, mais provável é a doação de tempo e (2) pessoas que dão mais tempo para atividades voluntárias também dão mais dinheiro. À medida que o montante total de recursos aumenta, o volume total disponível para o SMS pode aumentar, mesmo que o setor não aumente sua participação relativa no pool de recursos. No entanto, à medida que os recursos disponíveis aumentam em relação aos recursos societários totais, o SMS pode esperar ganhar uma parte proporcional maior (Veja TESOURO DOS ESTADOS UNIDOS [1965]), que mostra um aumento secular a longo prazo em doações para caridade). Esse argumento baseia-se em nossa convicção de que, exceto em tempos de crise, o SMS é um concorrente de baixa prioridade para os recursos disponíveis – ele se beneficia da saciedade de outras necessidades .

---

Movimentos Sociais. Vol. 02, num. 02, jan./jun. 2017.  
[175]

Claro, a validade desta hipótese depende de uma condição de *ceteris paribus*. Quais seriam os outros fatores? Em primeiro lugar, a infraestrutura existente, o que Smelser (1963) define como propensão estrutural, deve afetar o crescimento total do SMS. Meios de comunicação, transportes, liberdades políticas e a extensão da repressão por agentes de controle social, o que pode afetar os custos para qualquer indivíduo ou organização que aloca recursos para o SMS, servem como restrições ou facilitadores do uso de recursos para propósitos de um movimento social. Além disso, as tecnologias disponíveis para a acumulação de recursos devem afetar a capacidade dos OMSs no processo de mobilizar recursos. Por exemplo, o advento das técnicas de mala direta nos Estados Unidos afetou dramaticamente a capacidade do SMS para competir com a publicidade local ao oferecer um produto aos consumidores. A organização das IMSs apoiará ou dificultará o crescimento do setor à medida em que os recursos adicionais estiverem disponíveis. Quanto maior a gama de OMS, as preferências valorativas mais diferentes podem ser transformadas em seus componentes.

Hipótese 2: Quanto maior a quantidade absoluta de recursos disponíveis para o SMS, maior será a probabilidade de novas IMS e OMSs se desenvolverem para competir por esses recursos. Esta hipótese e a proposição anterior contêm a essência de nossa análise anterior (MCCARTHY e ZALD, 1973). Esse estudo explica, em parte, a proliferação de OMSs e IMSs na década de 1960 nos Estados Unidos, demonstrando os aumentos relativos e absolutos dos recursos disponíveis para o SMS. As principais fontes de aumento de recursos

---

Movimentos Sociais. Vol. 02, num. 02, jan./jun. 2017.  
[176]



financeiros foram as doações de caridade entre a massa e os aderentes de elite, bem como o governo, igreja, fundações e, ainda, empresas dos aderentes da organização.

Estas duas proposições tentam explicar o crescimento total do SMS. Elas ignoram variações no interesse pela mudança ao longo do tempo. Elas nada indicam sobre qual IMSs vai colher os benefícios da expansão do setor. Nem indicam que tipos de OMSs vão liderar o crescimento de uma IMS em expansão. Elas ignoram explicitamente a relação entre o tamanho do SMS e as intensidades de preferências dentro de um MS.

Hipóteses paralelas poderiam ser indicadas para tratar a relação de recursos entre diferentes categorias de aderentes de MS e crescimento de MS. Por exemplo, hipótese 3: independentemente dos recursos disponíveis para possíveis aderentes beneficiários, quanto maior a quantidade de recursos disponíveis para os aderentes conscientes, mais provável é o desenvolvimento de OMSs e IMSs que respondam às preferências de mudança. A importância desta hipótese em nosso esquema se baseia no papel crescente dos constituintes conscientes nos movimentos sociais americanos. Primeiramente, quanto maior a riqueza disponível controlada por indivíduos e organizações, mais provável é que algumas dessas riquezas sejam disponibilizadas para causas além do interesse direto do contribuinte. Um indivíduo (ou uma organização) com grandes quantidades de recursos disponíveis pode alocar recursos para o conforto pessoal e para o avanço de algum grupo do qual ele ou ela não é um membro. Em

---

Movimentos Sociais. Vol. 02, num. 02, jan./jun. 2017.  
[177]

segundo lugar, aqueles que controlam a maior parcela de recursos disponíveis em qualquer sociedade são também os menos prováveis de sentir descontentamento em relação a suas próprias circunstâncias pessoais .

Em certo sentido, a hipótese 3 conduz um retorno a Olson (1965). Embora possa ser individualmente irracional para qualquer indivíduo se juntar a uma OMS que já luta em nome de suas preferências, a existência de um MS composto por aderentes endinheirados chama o empreendedor da causa a tentar formar uma organização viável (SALISBURY, 1969). Na medida em que os aderentes beneficiários do MS não possuem recursos, o apoio da OMS, se for mobilizado, provavelmente se tornará fortemente dependente dos constituintes conscientes.

Este argumento também é importante para entender a crítica do pluralismo do grupo de interesse como uma descrição válida da América moderna . Muitas coletividades com sérias privações objetivas, e mesmo com preferências preexistentes de mudança, foram altamente sub-representadas por organizações de movimento social. Esses MSs possuem muitos limites no controle de recursos disponíveis. É somente quando os recursos podem ser obtidos a partir dos aderentes conscientes que as OMSs viáveis podem entrar em cena para moldar e representar as preferências de tais coletividades.

#### Estrutura organizacional e mobilização de recursos

Como a posição competitiva do SMS, os processos dentro de uma IMS e a estrutura de uma OMS influenciam a tarefa de mobilização

---

Movimentos Sociais. Vol. 02, num. 02, jan./jun. 2017.  
[178]

de recursos? Alguns aspectos dessas questões foram tratados por Zald e Ash (1966). Para discutir os OMSs em detalhes, precisamos apresentar alguns pressupostos sobre processos e estruturas relevantes das OMSs.

Suponha que as OMSs funcionem bem como qualquer outra organização (WILSON, 1973) e, conseqüentemente, uma vez formadas, elas funcionam como se a sobrevivência organizacional fosse o principal objetivo. Somente se a sobrevivência estiver assegurada, é que outros objetivos podem ser perseguidos. Secundariamente, assumir que os custos e os benefícios do envolvimento podem explicar a participação individual em OMSs e que, especialmente, os incentivos seletivos são importantes, pois eles tendem a aumentar as recompensas pelo envolvimento. Gamson (1975) e Bailis (1974) fornecem provas impressionantes de que os incentivos materiais seletivos operam para vincular indivíduos às OMSs e, portanto, servem para proporcionar envolvimento contínuo e, portanto, mobilização de recursos. Por uma série de razões, o termo “membro” foi evitado aqui. Mais importante, a adesão implica níveis muito diferentes de envolvimento organizacional em diferentes OMSs. A distinção entre OMSs inclusivas e exclusivas tem sido utilizada no passado para indicar a intensidade do envolvimento organizacional (ZALD e ASH, 1966), mas a intensidade do envolvimento inclui, de fato, várias dimensões, utilmente separadas. Vamos tentar dividir o envolvimento do componente em qualquer OMS. Primeiramente, há o quadro, os indivíduos que estão envolvidos nos processos da organização de tomada de decisão.

---

Movimentos Sociais. Vol. 02, num. 02, jan./jun. 2017.  
[179]

Os membros do quadro podem dedicar a maior parte do tempo a assuntos da organização ou apenas uma parte do seu tempo. Aqueles que recebem compensações, por mais escassas que sejam, e dedicam tempo integral à organização, chamamos de quadro profissional; aqueles que dedicam tempo integral à organização, mas não estão envolvidos em processos centrais de tomada de decisão, nós denominamos pessoal profissional; aqueles que, intermitentemente, dedicam seu tempo às tarefas organizacionais, não ao nível dos quadros, nós usamos o termo trabalhadores (lembre-se, os constituintes são aqueles que colaboram com tempo ou dinheiro).

Uma equipe transitória é composta de trabalhadores reunidos para uma tarefa específica, de curta duração. As equipes transitórias são geralmente lideradas por membros do quadro. Membros de equipes e quadros transitórios têm um envolvimento mais abrangente do que outros segmentos do círculo constituinte da OMS. O que distingue esses constituintes dos outros é que estão diretamente ligados à organização através de tarefas – estão envolvidos diretamente nos assuntos da OMS. Uma vez que o envolvimento desse tipo ocorre em pequenos grupos presenciais, os trabalhadores, seja por meio de equipes transitórias ou através de envolvimento contínuo nas tarefas, podem receber incentivos solidários de tais benefícios de participação envolvente de um tipo não material.

#### Estrutura Federada e Isolada

Uma OMS que deseja perseguir seus objetivos em mais de um ambiente local pode tentar mobilizar recursos diretamente dos

---

Movimentos Sociais. Vol. 02, num. 02, jan./jun. 2017.  
[180]

aderentes ou desenvolver seções federadas em diferentes áreas locais. A Federação serve para organizar os constituintes em pequenas unidades locais. Os OMSs que se desenvolvem desta maneira podem lidar diretamente com os constituintes, bem como através de seções ou apenas através de seções. Mas muitas OMSs não desenvolvem seções. Estes lidam diretamente com os constituintes, geralmente através dos correios ou através do pessoal de campo itinerante. O ponto importante é que os constituintes em OMSs não federadas normalmente não se encontram na interação face a face com outros constituintes e, portanto, não podem ser vinculados às OMSs através de incentivos seletivos solidários. Denominamos esses constituintes como “constituintes isolados”.

A federação pode surgir de duas maneiras. Uma estratégia atribui à equipe profissional a tarefa de desenvolver seções de aderentes ou componentes isolados. Até certo ponto, SDS e CORE (SALE 1973, MEIER e RUDWICK, 1973) utilizaram essa estratégia durante a década de 1960 e a Causa Comum parece ter usado recentemente. Outra estratégia se baseia em grupos locais pré-existentes que não possuem movimentos que têm fortes concentrações de aderentes ou constituintes isolados (GERLACH e HINES, 1970). Este último estilo, denominado mobilização de grupo por Oberschall (1973), era típico de várias ondas de recrutamento pelo Ku Klux Klan (LIPSET e RABB, 1970). A federação que se desenvolve a partir de grupos preexistentes pode surgir com bastante rapidez, enquanto que a organização de indivíduos isolados provavelmente requer mais tempo e recursos. O SCLC, na

---

Movimentos Sociais. Vol. 02, num. 02, jan./jun. 2017.  
[181]

medida em que utilizou o envolvimento em massa no Sul, operou por grupos preexistentes. Argumentamos em outro lugar (MCCARTHY e ZALD, 1973) que as OMSs não-federadas, lidando com constituintes isolados, representaram grande parte do crescimento do SMS durante a explosão de atividades das OMSs durante a década de 1960.

Empiricamente, as OMSs combinarão elementos das duas principais formas organizacionais que identificamos aqui. A forma como a organização obteve a maior parte de seus recursos deve ser usada para caracterizá-la durante qualquer período de tempo. Por exemplo, o CORE seria considerado federado até o início da década de 1960, não federado em seu pico no início da década de 1960, e depois se federou novamente (MEIER e RUDWICK, 1973). Ele manteve um conjunto de seções federadas durante todo este período, mas durante um período provisório, seu principal fluxo de recursos foi fornecido por constituintes conscientes isolados.

Hipótese 4: quanto mais uma OMS depende de constituintes isolados, menor será o fluxo de recursos para a OMS. Como os constituintes isolados são pouco envolvidos nos assuntos da OMS, o apoio deles depende muito mais da propaganda industrial e organizacional (e contraindustrial e contra-organizacional) do que do apoio de constituintes que estão envolvidos face a face com outros. A propaganda e a atenção dos meios de comunicação fornecem informações sobre as consequências terríveis decorrentes da incapacidade de atingir os objetivos-alvo, o alcance da realização do objetivo e a importância da OMS específica para tal realização.

---

Movimentos Sociais. Vol. 02, num. 02, jan./jun. 2017.  
[182]

A análise de Strickland e Johnston (1970) sobre a elasticidade da questão é útil para entender o envolvimento do constituinte isolado nas atividades de um MS. Em qualquer momento, uma série de objetivos-alvo é oferecida a aderentes isolados de qualquer MS por um ou mais OMSs (e por outras IMSs). Os aderentes isolados podem optar por tornarem-se constituintes alocando recursos para uma ou outra OMS, com base nos objetivos propostos. As OMSs em qualquer IMS tendem a competir umas com as outras pelos recursos desses aderentes isolados. Se eles alocam recursos, mas permanecem isolados, seus vínculos com a OMS continuam tênues. Na medida em que qualquer indivíduo é aderente de mais de um MS, vários IMS também estarão competindo por esses recursos.

Ao tratar os objetivos-alvo da OMS como produtos e a adesão como demanda, podemos, então, aplicar um modelo econômico simples a este processo competitivo. A demanda pode ser elástica e sua elasticidade provavelmente será fortemente dependente da propaganda da OMS. Os produtos podem ser substituíveis nas IMSs. Por exemplo, enquanto várias OMSs podem competir por recursos de aderentes isolados do movimento social “Justiça para Americanos Negros”, OMSs representando o movimento social “Justiça para Mulheres Americanas” podem estar competindo pelos mesmos recursos (na medida em que esses dois MSs tem sobreposição de pool de aderentes). Alguns aderentes podem ter uma curva de demanda elevada e inelástica para um OMS ou IMS, as curvas de demanda de outros podem apresentar grande elasticidade.

---

Movimentos Sociais. Vol. 02, num. 02, jan./jun. 2017.  
[183]

Isto sugere que as campanhas de publicidade eficazes podem convencer aderentes isolados com alto nível de elasticidade no sentido de mudar de OMSs e/ou IMS. A questão da elasticidade relaciona-se com o que Downs (1972) denominou a questão dos “ciclos de atenção”. Esses ciclos aparentes, segundo ele, incluem os estágios da descoberta de um problema, aumentos dramáticos na aderência, propagandas alarmantes de aderentes potenciais, tentativas de solução do problema, falta de sucesso em tais tentativas e um rápido declínio na adesão e propaganda. Os aderentes isolados podem comprar um produto como objetivo-alvo quando oferecido, mas podem se basear na percepção da qualidade do produto no caso de futuras compras. Tullock (1966) argumentou que o consumo de tais produtos é indireto, não direto; assim, a percepção da qualidade do produto não está necessariamente relacionada à realização concreta dos objetivos. Muita publicidade depende da capacidade de uma OMS para induzir os meios de comunicação a dar atenção gratuitamente, já que a maioria das OMSs não pode realmente pagar os altos custos da publicidade nacional. No entanto, eles utilizam propaganda de mala direta. O ponto é que os meios de comunicação realizam, em grande medida, uma mediação entre os constituintes isolados e as OMSs.

A percepção da falta de sucesso na realização dos objetivos por uma OMS pode levar um indivíduo a mudar para outra OMS com estratégias alternativas ou, na medida em que os produtos são substituíveis, mudar para aquelas com outros objetivos. Deve-se notar, no entanto, que existe também um elemento de fidelidade ao produto

---

Movimentos Sociais. Vol. 02, num. 02, jan./jun. 2017.  
[184]



nesse processo. Alguns constituintes isolados podem continuar a comprar o produto (para apoiar uma OMS) desconhecendo o quão eficaz ou ineficaz ela pode ser.

Pode-se tratar a lealdade individual a uma OMS da mesma maneira que os sociólogos políticos tratam da fidelidade aos partidos políticos, mas a maioria das OMSs não controla lealdades tão estáveis em um grande número de pessoas. Algumas OMSs duradouras, como o NAACP e o AFSC, por exemplo, podem controlar lealdades estáveis e o processo de socializar a juventude na fidelidade de uma OMS pode ser semelhante ao da socialização em fidelidade partidária (CONVERSE, 1969). Este processo, no entanto, ocorre, provavelmente, não entre os constituintes isolados, mas entre aqueles que estão ligados de forma mais direta às OMSs.

A propaganda das OMSs reconhece que os constituintes isolados não possuem uma maneira direta de avaliar o produto comprado; portanto, pode enfatizar, para o constituinte isolado, a quantidade de objetivos disponíveis por cada dólar gasto. O AFSC, por exemplo, informa aos constituintes isolados potenciais, em sua correspondência de massa, que seus custos indiretos estão entre os mais baixos do que qualquer organização comparável e, portanto, a proporção de cada doação usada para realização de objetivos é maior; os resultados de uma avaliação dessa organização realizada por empresa de consultoria externa apoiam essa afirmação (JONAS, 1971). Dentro de uma indústria, os produtos de uma OMS são normalmente diferenciados pelas concepções a respeito da radicalidade das soluções

---

Movimentos Sociais. Vol. 02, num. 02, jan./jun. 2017.  
[185]

necessárias (KILLIAN, 1972) e pelas estratégias usadas para atingir os objetivos (resistência passiva, greves, etc.). Quando os produtos não são diferenciados por nenhuma dessas formas, podemos esperar uma diferenciação em termos de eficiência.

Essas considerações levam a uma hipótese subsidiária, 4a: Quanto mais uma OMS for dependente de constituintes isolados, maior será a parcela de seus recursos que será alocada para a realização de publicidade. Conforme indicado, a publicidade de uma OMS pode assumir a forma de um material enviado que demonstra os bons trabalhos da organização. A barganha com os meios de comunicação (HUBBARD 1968; LIPSKY 1968; TURNER 1969) também pode ser conceituada como propaganda de OMS. Ao organizar eventos que provavelmente serão “notáveis”, atendendo às necessidades das organizações de notícias e cultivando representantes dos meios de comunicação, as OMSs podem manipular, com mais ou menos sucesso, a cobertura dos meios de comunicação de suas atividades. Algum tipo de fluxo de informação para os constituintes isolados, incluindo avaliação positiva, é absolutamente essencial para as OMSs dependentes deles.

O raciocínio acima, combinado com as hipóteses 1 e 2, nos leva à hipótese 4b: quanto mais uma OMS depende de constituintes isolados para manter um fluxo de recursos, mais as mudanças no fluxo de recursos se assemelham aos padrões das despesas do consumidor para bens dispensáveis e marginais. Em outras palavras, se a OMS tiver sua principal fonte de apoio financeiro constitutivo vinculada à

---

Movimentos Sociais. Vol. 02, num. 02, jan./jun. 2017.  
[186]

publicidade de seus produtos, os constituintes isolados equilibrarão suas contribuições com outras despesas marginais. A tomada de decisão dos constituintes isolados depende da época do ano, do estado do talão de cheques, do humor e do valor de estimulação do produto.

Quanto mais atraente o objetivo (produto) em que se baseia essa solicitação, mais provável que aderentes isolados se tornem constituintes isolados. Conseqüentemente, as OMSs dependem fortemente de tais técnicas de mobilização de recursos e devem recorrer a embalagens enganosas e um apelo distorcido ao interesse próprio para tornar seus produtos mais atraentes. Isso deve ser especialmente verdadeiro dentro de IMSs competitivas. O comportamento no início da década de 1970 de grupos ambientalistas, que dependem fortemente de constituintes isolados, parece ilustrar este ponto. Muitos dessas OMSs receberam crédito por estancar o oleoduto do Alasca e tentaram vincular essa questão ao autointeresse e preferências pessoais em sua propaganda de mala direta. A embalagem enganosa é evidente na impressão de alta qualidade e no uso intensivo da fotogravura.

Outra técnica que os propagandistas utilizam para atrair aderentes isolados é o vínculo de nomes de pessoas importantes com a organização, desenvolvendo e mantendo assim uma imagem de credibilidade (PERROW, 1970). Da mesma forma que atores famosos, heróis esportivos e políticos aposentados endossam produtos de consumo, outras personalidades bem conhecidas são convidadas a endossar os produtos das OMSs: Jane Fonda e o Dr. Spock foram vinculados ao movimento pacifista e Robert Redford ao movimento

---

Movimentos Sociais. Vol. 02, num. 02, jan./jun. 2017.  
[187]

ambientalista, assim como Joe Namath foi vinculada à meia-calça e William Miller à Companhia American Express de cartões de crédito.

O desenvolvimento de seções locais ajuda a ligar os constituintes às OMSs através de redes de amizades e de controle interpessoal. Neste momento, porém, apresentamos a hipótese 5: Uma OMS que tenta ligar os constituintes conscientes e beneficiários à organização através de estruturas e seções federadas e, portanto, incentivos solidários, provavelmente terá altos níveis de tensão e conflito. Os analistas de movimentos sociais que se concentraram no que chamamos de participação de constituintes conscientes normalmente o chamam de envolvimento externo. Von Eschen e outros (1969), por exemplo, mostram que, para uma ação direta local, o envolvimento por parte de estranhos geográficos (conscientes e beneficiários) na organização de direitos civis criou um nítido conflito interno na mesma. Marx e Useem (1971) examinaram o registro do recente movimento dos direitos civis, o movimento abolicionista e o movimento para abolir a intocabilidade na Índia. Nesses movimentos, “os estranhos eram muito mais propensos a ser ativos em outras causas ou a mudar suas lealdades de movimento para movimento” (p.102). Ross (1975) argumentou que os laços de amizade com base em linhas geográficas e geracionais são importantes para explicar o conflito interno no caso da SDS. Quanto maior for a diferença entre os trabalhadores, menor será a unidade organizacional e mais provável é que se formem estruturas de grupos separados. Se constituintes conscientes são mais propensos a serem ativos em outras OMSs e for

---

Movimentos Sociais. Vol. 02, num. 02, jan./jun. 2017.  
[188]

aderentes a mais de um MS, é provável que seu envolvimento seja menos permanente.

Agora podemos relacionar nossa discussão anterior sobre constituintes conscientes e beneficiários com nossa análise dos processos nas IMSs e OMSs. Em primeiro lugar, os constituintes conscientes são mais propensos a controlar pool de recursos maiores. Indivíduos com mais recursos exibem preocupações menos diretamente relacionadas com seus próprios interesses materiais. Consequentemente, os constituintes conscientes são mais propensos a aderir a mais de um MS e mais de uma IMS. Embora eles possam fornecer os recursos para apenas uma OMS em algum momento, eles são susceptíveis de ter lealdades conflitantes.

Isso explica por que os líderes de OMS têm sido céticos quanto ao envolvimento dos constituintes conscientes intelectuais nos sindicatos, dos homens no movimento de libertação das mulheres, dos brancos nos movimentos dos direitos civis. Os constituintes conscientes são inconstantes, pois possuem preocupações amplas. Eles podem ser ainda mais inconstantes se forem constituintes isolados. Eles são menos propensos a violar lealdades pessoais ao mudar as preocupações prioritárias. Mas as organizações que tentam envolvê-los em esforços presenciais podem ter que sofrer as consequências das diferenças na formação e envoltimentos externos daqueles que são constituintes beneficiários. Por um lado, envolvendo apenas constituintes conscientes em seções federadas, que pode ser um método para evitar o conflito, obriga a OMS a pagar o preço da legitimidade – como uma

---

Movimentos Sociais. Vol. 02, num. 02, jan./jun. 2017.  
[189]

OMS fala para um grupo beneficiário quando não possui constituintes beneficiários? Por outro lado, dependendo exclusivamente dos constituintes beneficiários de massa, reduz o tamanho potencial do pool de recursos que pode ser usado para realização dos seus objetivos.

O envolvimento de constituintes conscientes e beneficiários não apenas podem levar a tensões interpessoais, mas também gerar dilemas táticos. Meier e Rudwick (1976) documentam a extensão em que a questão de saber se a NAACP deveria usar advogados negros ou brancos para lutar por suas batalhas legais tem sido contínua. Especialmente nos primeiros dias, o valor simbólico do uso de advogados negros entrou em conflito com o melhor treinamento e eficácia nos tribunais dos advogados brancos. W. E. B. Dubois defendeu o lado da eficácia nos tribunais.

#### Taxas de Flutuação de Recursos e Adaptação da OMS

Focalizamos, até agora, no desenvolvimento de fluxos de recursos para as OMSs, principalmente no seu processo de ligação com seus constituintes e no tamanho do pool de recursos controlado por eles. Quais são as implicações de um maior ou menor fluxo de recursos para o destino das OMSs, para o desenvolvimento de carreiras nos movimentos sociais e para o emprego de diferentes tipos de constituintes?

Uma pergunta interessante diz respeito à capacidade de estabilidade de entradas novas e antigas em uma IMS. Hipótese 6: as OMSs mais antigas e estabelecidas possuem maior probabilidade de persistirem ao longo do ciclo de crescimento e declínio da IMS do que

---

Movimentos Sociais. Vol. 02, num. 02, jan./jun. 2017.  
[190]

as OMSs mais recentes. Isso é semelhante à vantagem da entrada pioneira de uma empresa em uma indústria: uma estrutura no local, quando aumenta a demanda, melhora a probabilidade de capturar uma parte do mercado. Stinchcombe (1965, p.114) aponta que, “como regra geral, uma maior proporção de novas organizações falham mais do que a antiga. Isto é particularmente verdadeiro para as novas formas organizacionais, de modo que, se uma alternativa exige uma nova organização, ela deve ser muito mais benéfica do que a anterior, até que o fluxo de benefícios passe a compensar a relativa fraqueza da estrutura social mais nova”. Todos os elementos das novas formas organizacionais apresentados por Stinchcombe – novos papéis a serem aprendidos, ineficiência temporária da estruturação, forte dependência das relações sociais entre estranhos e falta de vínculos estáveis com aqueles que podem usar os serviços da organização – envolvem também novas organizações de formas estabelecidas, mas em menor grau. Além disso, uma história de realização é um trunfo importante e, como mostra Gamson (1975) em sua amostra de OMSs, a longevidade proporciona uma vantagem na obtenção de legitimidade. As organizações mais antigas possuem níveis mais elevados de sofisticação profissional, vínculos existentes com os constituintes e experiência em procedimentos de arrecadação de fundos. Assim, à medida que se desenvolvem os fatores conducentes à ação com base nas preferências de MS, as OMSs mais antigas são mais capazes de usar a propaganda para alcançar aderentes isolados, mesmo que as novas OMSs possam, obviamente, se beneficiar da experiência das mais velhas. A NAACP,

---

Movimentos Sociais. Vol. 02, num. 02, jan./jun. 2017.  
[191]

por exemplo, já possuía uma estrutura de arrecadação de fundos destinada a aderentes isolados antes que o aumento da demanda por objetivos de direitos civis aumentasse na década de 1960. E o CORE teve a vantagem de ter um membro da equipe profissional que estava comprometido com o desenvolvimento de tais técnicas, mas levou tempo para ele convencer os tomadores de decisão da organização a perseguirem táticas de mobilização de recursos (MEIER e RUDWICK, 1973). As OMSs mais recentes podem capturar uma parte dos constituintes isolados do mercado, mas elas estarão em desvantagem até que, pelo menos, estabeleçam uma imagem clara de si mesmas e uma estrutura para capitalizar sobre esta imagem. J. Q. Wilson (1973) argumenta de forma convincente que a competição entre as OMSs por recursos ocorre entre organizações que oferecem os produtos mais similares e não entre aquelas para os quais a competição na realização de objetivos produz conflito. Uma vez que as OMSs dentro de uma mesma IMS competem umas com as outras por recursos, elas são levadas a se diferenciar umas das outras. A existência prévia de pessoal experiente e imagens preexistentes são vantagens nesse processo. Da mesma forma que para os políticos candidatos terem os nomes reconhecidos é útil, também o é para as OMSs quando as campanhas são desencadeadas.

Hipótese 7: quanto mais competitivo é uma IMS (em função do número e tamanho das OMSs existentes), mais provável é que as novas OMSs ofereçam objetivos e estratégias mais restritas. Aludimos ao processo de diferenciação de produtos. Na medida em que a

---

Movimentos Sociais. Vol. 02, num. 02, jan./jun. 2017.  
[192]



competição dentro de qualquer IMS aumenta, a pressão para se especializar se intensifica. A decisão de George Wiley (MARTIN, 1971, MARTIN, 1974) de apresentar a Organização Nacional dos Direitos do Bem-Estar como uma organização destinada a conquistar direitos de bem estar para os beneficiários negros foi, evidentemente, feita parcialmente como resultado da compreensão do território pré-existente de outras organizações de direitos civis.

Hipótese 8: quanto maior é o fluxo de renda para uma OMS, mais provável que o quadro e a equipe sejam profissionais e maiores sejam esses grupos. Essa proposição flui diretamente de um modelo de suporte econômico. É óbvio que quanto mais dinheiro estiver disponível para uma organização, mais pessoal a tempo integral ela poderá contratar. Embora este não seja um resultado necessário, assumimos que as OMSs serão confrontadas com os diversos problemas de manutenção organizacional e, à medida que os fluxos de recursos aumentarem, estes se tornarão mais complexos. Como em qualquer organização grande, a complexidade da tarefa requer especialização. A especialização é especialmente necessária na América moderna, onde os requisitos legais do funcionamento exigem técnicos experientes em vários pontos tanto na mobilização de recursos como nas tentativas de influenciar. A necessidade de habilidades em lobby, contabilidade e captação de recursos leva à profissionalização.

Não é que as OMSs com pequenos fluxos de recursos não reconheçam a importância de diversas tarefas organizacionais. Neles, um pequeno quadro profissional pode ser necessário para cumprir uma

---

Movimentos Sociais. Vol. 02, num. 02, jan./jun. 2017.  
[193]

gama diversificada de tarefas, tais como o trabalho de contato com outras organizações, publicidade, contabilidade, bem como trabalho de recrutar de membros. Os grandes fluxos de recursos permitem que essas funções sejam tratadas como especialidades, embora organizações de tamanho moderado possam ter problemas de especialização prematura. As economias de escala só devem ser alcançadas em níveis apropriados de crescimento. No CORE, temos um bom exemplo desse processo: a especialização precoce exigia uma constante reajuste organizacional para combinar as funções e os membros da equipe no que parecia ser a maneira mais eficiente (MEIER e RUDWICK, 1973).

Hipótese 9: quanto maior o SMS e maiores as IMSs específicas, mais provável é o desenvolvimento das carreiras nos MS. Uma carreira de MS é uma série de cargos de quadros profissionais e de quadros detidos por aderentes em várias OMSs e/ou instituições de apoio. Essa carreira não precisa exigir conexão contínua com uma IMS, embora quanto maior a IMS, mais provável será esse envolvimento contínuo. As instituições de apoio podem ser universidades, órgãos da igreja, sindicatos, agências governamentais e similares (ZALD e MCCARTHY, 1975). Além disso, as instituições-alvo às vezes desenvolvem posições para quadros dos MS, como conselhos de relações humanas em governos locais. As corporações possuem escritórios de ação afirmativa e advogados antitruste.

Quando a IMS é grande, a probabilidade de carreiras da IMS é maior, simplesmente porque a oportunidade de emprego fixo é maior, independentemente do sucesso ou falha de qualquer OMS específica.

---

Movimentos Sociais. Vol. 02, num. 02, jan./jun. 2017.  
[194]

Embora muitas das habilidades desenvolvidas por indivíduos nessas carreiras (relações públicas, por exemplo) podem ser aplicadas de forma útil em diferentes IMSs, nossa impressão é que os indivíduos geralmente se movem entre as IMSs que têm objetivos semelhantes e, portanto, possuem constituintes sobrepostos. Embora possamos encontrar indivíduos que se deslocam entre organizações de direitos civis e de trabalhadores, não seríamos capazes de encontrar um deslocamento de uma OMS de direitos civis para uma de fundamentalistas e anticomunistas. (Mas devemos recordar que comunistas podem se tornar anticomunistas e que um ativista antiguerra, como Rennie Davis, mais tarde assumiu um papel ativo no movimento de meditação transcendental). O ponto de partida proeminente para carreiras nas OMS, então, é geralmente as IMSs ou IMSs interrelacionadas.

As estratégias de financiamento afetam não só as carreiras, mas também o uso dos constituintes beneficiários como trabalhadores. Hipótese 10: quanto mais uma OMS é financiada por constituintes isolados, mais provável que os constituintes beneficiários que são trabalhadores sejam recrutados para fins estratégicos e não para o trabalho organizacional. Esta proposição é fundamental para a estratégia de uma OMS profissional. Isso leva a considerar a mobilização de constituintes beneficiários que são trabalhadores como uma ferramenta racional para tentativas de exercer influência e não como uma importante fonte de recursos organizacionais. Anteriormente, mencionamos a criação de grupos de idosos para fins

---

Movimentos Sociais. Vol. 02, num. 02, jan./jun. 2017.  
[195]

de negociação pelo AFL-CIO na luta pelo Medicare. O uso de algumas pessoas pobres para fins estratégicos pela Comissão da Fome, uma OMS profissional, também ilustra este ponto (BROWN, 1970). Também é um fato importante que, nos grupos estudados por Gamson (1975), nenhum dos quais era fortemente dependentes de patrocinadores externos, forneceu incentivos materiais seletivos para os constituintes. Os constituintes beneficiários vinculados a uma OMS com incentivos não são tão importantes para uma organização que não precisa deles para manter um fluxo de recursos.

Grande parte da nossa discussão foi enquadrada em termos de dinheiro disponível, mas o tempo disponível também é importante. Hipótese 11: Quanto mais uma OMS é formada por trabalhadores com tempo disponível à disposição dela, mais prontamente pode desenvolver equipes transitórias. A capacidade de concentrar um grande número de constituintes e aderentes é altamente útil para OMSs em certas situações, tais como em manifestações. Mas as características ocupacionais dos constituintes e aderentes são cruciais para a compreensão de como uma OMS ou uma coalizão de OMSs é capaz de produzir tais concentrações. A produção de grandes números pode ser usada para impressionar pessoas, autoridades e adversários. Em algumas nações (particularmente autoritárias), as autoridades podem ser capazes de produzir grandes concentrações à vontade, através do controle sobre os empregadores ou o controle dos horários de trabalho dos funcionários governamentais. Mas as OMSs normalmente não exercem esse controle; daí é o controle preexistente que os aderentes e

---

Movimentos Sociais. Vol. 02, num. 02, jan./jun. 2017.  
[196]

os constituintes exercem sobre seus próprios horários de trabalho que moldam a possibilidade de concentração. Os mesmos mecanismos operam em sociedades camponesas onde as possibilidades de ação coletiva são moldadas por horários de plantio e colheita.

Na sociedade moderna, a decisão sobre os horários de trabalho tende a ser relacionada a maiores pools de renda disponível, permitindo também viajar para lugares distantes. A decisão dos constituintes sobre os horários de trabalho, pode ser vista, então, como um potencial recurso organizacional útil na montagem de pequenas explosões de atividade organizacional. Estudantes, professores universitários e outros profissionais, por exemplo, provavelmente tolerarão de forma mais fácil do que os trabalhadores assalariados uma viagem de três dias para Washington para uma manifestação. A marcha em Washington em apoio à guerra no Vietnã, liderada pelo Reverendo Carl McIntire, teve um comparecimento muito limitado. Pelas razões enumeradas acima, muitos dos aderentes a que ele apelou foram provavelmente impossibilitados de comparecer a tal manifestação .

#### CONCLUSÃO

O modelo de mobilização de recursos que descrevemos aqui enfatiza a interação entre a disponibilidade de recursos, a organização preexistente das estruturas de preferência e as tentativas empresariais de atender a demanda de preferências. Enfatizamos como esses processos parecem operar no contexto americano moderno. Diferentes circunstâncias históricas e padrões de infraestruturas de adesão preexistentes afetarão as estratégias da atividade empresarial da OMS

---

Movimentos Sociais. Vol. 02, num. 02, jan./jun. 2017.  
[197]

em outras épocas e lugares. Nossa ênfase, no entanto, parece ser útil na análise das atividades paralelas em diferentes contextos, incluindo sociedades camponesas e também em explicar os processos de crescimento, estabilidade e declínio nos movimentos sociais.

A história da OMS bolchevique (WOLFE, 1955) mostra a importância dos fluxos de recursos estáveis para a posição competitiva de uma OMS. Os bolcheviques capturaram um fluxo de recursos para o movimento revolucionário social russo e, em certos pontos de sua história, dependeram fortemente de constituintes conscientes isolados. Meios de comunicação livres são, provavelmente, necessários para o envolvimento de constituintes isolados em massa nos fluxos de recursos. Assim, os aderentes isolados com controle sobre grandes pools de recursos provavelmente são mais importantes para o crescimento da IMS em sociedades sem meios de comunicação de massa. Leites e Wolf (1970) fazem uma análise semelhante da IMS revolucionária em sua relação com as constantes recompensas de participação dos camponeses no Vietnã. É claro que a extensão dos recursos disponíveis varia consideravelmente entre esse caso e o caso americano moderno, mas varia também a capacidade das autoridades para intervir na manipulação de custos e recompensas do envolvimento individual na OMS revolucionária. O fluxo de recursos do exterior do Vietnã do Sul foi importante na capacidade da OMS em manipular esses custos e recompensas. O envolvimento externo no SMS americano parece quase inexistente.

---

Movimentos Sociais. Vol. 02, num. 02, jan./jun. 2017.  
[198]

Além disso, Oberschall (1973) mostrou quão importantes as associações comunais podem ser para facilitar a mobilização nas sociedades tribais e camponesas. Embora o número de OMSs e, portanto, o tamanho da IMS possa ser menor nas sociedades camponesas, a mobilização de recursos e a facilitação de MS por questões de infraestrutura social são tão importantes.

Os movimentos de abstinência são tipicamente caracterizados principalmente pela forma como os constituintes estão ligados à OMS (KANTER, 1972). Mas os OMSs em MS de abstinência também enfrentam dificuldades no desenvolvimento de fluxos de recursos estáveis e eles usam uma variedade de estratégias semelhantes às de outras OMSs em resposta à suas dificuldades. O comportamento recente da Igreja da Unificação da América (liderada pelo Reverendo Sun Myung Moon) nos Estados Unidos ilustra processos próximos dos que nos concentramos nos movimentos de reformas modernas: uso intensivo de publicidade e ênfase em fluxos de recursos estáveis para aumentar o desenvolvimento de constituintes federados. A Missão de Paz do Pai Divino (CANTRIL, 1941) utilizou estratégias bastante diferentes de mobilização de recursos, incluindo uma dependência mais pesada dos próprios constituintes, mas a importância de manter fluxos para viabilidade contínua foi reconhecida em ambos os movimentos de abstinência.

Nossa tentativa foi desenvolver uma teoria parcial; só aludimos a, ou tratamos como constantes, variáveis importantes: a interação das autoridades, OMSs e público espectador; a dinâmica do

---

Movimentos Sociais. Vol. 02, num. 02, jan./jun. 2017.  
[199]

envolvimento dos meios de comunicação; a relação entre trabalhadores e autoridades da OMS; o impacto da estrutura da indústria; os dilemas das táticas. No entanto, apesar das limitações de nossa breve declaração sobre a perspectiva da mobilização de recursos, acreditamos que ela oferece novos insights importantes sobre a compreensão dos fenômenos dos movimentos sociais e pode ser aplicado de forma mais geral.

#### REFERÊNCIAS

BAILIS, L. Bread or Justice. Springfield, Mass.: Heath-Lexington, 1974.

BAIN, J. S. Industrial Organization. New York: Wiley, 1959.

BLUMER, H. "Collective Behavior." Pp. 167-219 in: LEE, A. M. (Org.). A New Outline of the Principles of Sociology. New York: Barnes & Noble, 1946.

BOWEN, D., BOWEN, E. GAWISER, S. e MASOTTI, L. "Deprivation, Mobility, and Orientation toward Protest of the Urban Poor." Pp. 187-200 in: MASOTTI, L. e BOWEN, D. Riots and Rebellion: Civil Violence in the Urban Community. Beverly Hills, Calif.: Sage, 1968.

BRADBURN, N., e D. CAPLOVITZ. Reports on Happiness. Chicago: Aldine, 1964.

BRETON, A., e R. BRETON. "An Economic Theory of Social Movements". American Economic Review. Papers and Proceedings of the American Economic Association, vol. 59, no. 2 (May), 1969..

BROWN, L. "Hunger U.S.A.: The Public Pushes Congress." Journal of Health and Social Behavior, 11 (June): 115-25, 1970.

---

Movimentos Sociais. Vol. 02, num. 02, jan./jun. 2017.  
[200]



CAMPBELL, A., P. E. CONVERSE, MILLER, W. e STOKES, D. E. The American Voter. New York: Wiley, 1960.

CANTRIL, H. The Psychology of Social Movements. New York: Wiley, 1941.

\_\_\_\_\_ The Pattern of Human Concern. New Brunswick, N.J.: Rutgers University Press, 1965.

CICCHETTI, C. J., A. M. FREEMAN III, R. H. HAVEMAN, e J. L. KNETSCH. 1971. "On the Economics of Mass Demonstrations: A Case Study of the November 1969 March on Washington". American Economic Review, 61, no. 4 (September): 719-24. 1971.

CLARK, P. B., e J. Q. WILSON. 1961. "Incentive Systems: A Theory of Organizations." Administrative Science Quarterly 6 (September): 129-66. 1961.

CONNOLLY, W. E. 1969. The Bias of Pluralism. New York: Atherton, 1969.

CONVERSE, P. E. 1969. "Of Time and Partisan Stability." Comparative Political Studies 2, no. 2 (July): 139-71.

CRAWFORD, T. J., e M. Naditch. 1970. "Relative Deprivation, Powerlessness and Militancy: The Psychology of Social Protest." Psychiatry 33 (May): 208-23. 1970.

CRITICAL MASS BULLETIN. 1973-74. Vol. 1. University of Tennessee. 1973-74.

DOWNS, A. 1972. "Up and Down with Ecology-the Issue Attention Cycle." Public Interest 28 (Summer): 38-50. 1972.

ETZIONI, A. 1968. The Active Society. New York: Free Press.

---

Movimentos Sociais. Vol. 02, num. 02, jan./jun. 2017.  
[201]

FREEMAN, J. 1975. *The Politics of Women's Liberation*. New York: McKay. 1975.

GAMSON, W. A. 1968. *Power and Discontent*. Homewood, Ill.: Dorsey.

\_\_\_\_\_. 1975. *The Strategy of Protest*. Homewood, Ill.: Dorsey. 1975.

GERLACH, L., e V. HINES. 1970. *People, Power and Change: Movements of Social Transformation*. Indianapolis: Bobbs-Merrill. 1970.

GURR, T. R. 1970. *Why Men Rebel*. Princeton, N.J.: Princeton University Press. 1970.

\_\_\_\_\_. 1972. *Politimetrics: An Introduction to Quantitative Macropolitics*. Englewood CLIFFS, N.J.: Prentice-Hall. 1972.

HALLORON, R. 1971. "The Idea that Politics Is Everybody's Business." *New York Times*. (March 7), sec. 4, p. 3. 1971.

HARRINGTON, M. 1968. *Toward a Democratic Left: A Radical Program for a New Majority*. New York: Macmillan.

HEBERLE, R. 1951. *Social Movements: An Introduction to Political Sociology*. New York: Appleton-Century.

\_\_\_\_\_. 1968. "Types and Functions of Social Movements." Pp. 438-44 in *International Encyclopedia of the Social Sciences*, vol. 14, edited by David Sills. New York: Macmillan.

HENTOFF, N. 1963. *Peace Agitator: The Story of A. J. Muste*. New York: Macmillan.

HUBBARD, H. 1968. "Five Long Hot Summers and How They Grew." *Public Interest* 12 (Summer): 3-24.

---

Movimentos Sociais. Vol. 02, num. 02, jan./jun. 2017.  
[202]

JENKINS, C., e C. PERROW. 1977. "Insurgency of the Powerless: Farm Workers Movements (1946-72)." *American Sociological Review* (forthcoming). 1977.

JONAS, G. 1971. *On Doing Good: The Quaker Experiment*. New York: Scribner's. 1971.

KAHN, S. 1970. *How People Get Power: Organizing Oppressed Communities for Action*. New York: McGraw-Hill. 1970.

KANTER, R. M. 1972. *Commitment and Community: Communes and Utopias in Sociological Perspective*. Cambridge, Mass.: Harvard University Press. 1972.

KATZ, H. 1974. *Give! Who Gets Your Charity Dollar?* Garden City, N.Y.: Doubleday. 1974.

KILLIAN, L. 1972. "The Significance of Extremism in the Black Revolution." *Social Problems* 20 (Summer): 41-48. 1972.

LEITES, N., e C. Wolf, Jr. 1970. *Rebellion and Authority*. Chicago: Markham. 1970.

LEVY, S. 1970. "The Psychology of Political Activity." *Annals* 391 (September): 83-96. 1970.

LIN, N. 1974-75. "The McIntire March: A Study of Recruitment and Commitment." *Public Opinion Quarterly* 38 (Winter): 562-73. 1974-75.

LIPSET, S. M., e E. RAAB. 1970. *The Politics of Unreason: Right-Wing Extremism in America, 1790-1970*. New York: Harper & Row. 1970.

LIPSKY, M. 1968. "Protest as a Political Resource." *American Political Science Review* 62: 1144-58.

---

Movimentos Sociais. Vol. 02, num. 02, jan./jun. 2017.  
[203]

LOWI, T. J. 1971. *The Politics of Disorder*. New York: Basic. 1971.

MCCARTHY, J. D., e M. N. ZALD. *The Trend of Social Movements in America: Professionalization and Resource Mobilization*. Morristown: General Learning Press, 1973.

\_\_\_\_\_. 1974. "Tactical Considerations in Social Movement Organizations." Paper delivered at the meeting of the American Sociological Association, August, Montreal. 1974.

MARTIN, G. T. 1971. "Organizing the Underclass: Findings on Welfare Rights." Working Paper no. 17. Human Side of Poverty Project, Department of Sociology, State University of New York at Stony Brook. 1971.

\_\_\_\_\_ 1974. "Welfare Recipient Activism: Some Findings on the National Welfare Rights Organization." Paper presented at the annual meeting of the Midwest Political Science Association, Chicago, April 26. 1974.

MARX, G. T. 1970. "Issueless Riots." *Annals* 391 (September): 21-33.  
. 1974. "Thoughts on a Neglected Category of Social Movement Participant: The Agent Provocateur and the Informant." *American Journal of Sociology* 80 (September): 402-42. 1970.

MARX, G. T., e . Useem, M. 1971. "Majority Involvement in Minority Movements: Civil Rights, Abolition, Untouchability." *Journal of Social Issues* 27 (January): 81-104. 1971.

MARX, G. T., e J. Wood. 1975. "Strands of Theory and Research in Collective Behavior." *Annual Review of Sociology* 1:363-428. 1975.

MEIER, A., e E. RUDWICK. 1973. *CORE: A Study in the Civil Rights Movement, 1942-1968*. New York: Oxford University Press. 1973.

---

Movimentos Sociais. Vol. 02, num. 02, jan./jun. 2017.  
[204]

MEIER, A., e E. RUDWICK. 1976. "Attorneys Black and White. A Case Study of Race Relations within the NAACP". *Journal of American History*, 62 (March): 913-46. 1976.

MILLER, W. E., e T. E. LEVITIN. 1976. *Leadership and Change: The New Politics and the American Electorate*. Cambridge, Mass.: Winthrop. 1976.

MORGAN, J. N., DYE, R. F. e HYBELS, J. H. 1975. *A Survey of Giving Behavior and Attitudes: A Report to Respondents*. Ann Arbor, Mich.: Institute for Social Research. 1975.

MORRIS, B. 1975. "Consumerism Is Now a Luxury Item." *Washington Star* (October 28), pp. 1, 7. 1975.

MORRISON, D. E. 1971. "Some Notes toward Theory on Relative Deprivation, Social Movements, and Social Change." *American Behavioral Scientist*, 14 (May/June): 675-90. 1971.

MUELLER, E. 1972. "A Test of a Partial Theory of Potential for Political Violence." *American Political Science, Review* 66 (September): 928-59. 1972.

*New York Times*. 1974. "Social Action Hit by Financial Woes." (November 8), sec. 1, p. 20. 1974.

OBERSCHALL, A. 1973. *Social Conflict and Social Movements*. Englewood Cliffs, N.J.: Prentice-Hall. 1973.

OLSON, M., Jr. 1965. *The Logic of Collective Action*. Cambridge, Mass.: Harvard University Press. 1965.

ORGANIZER'S MANUAL COLLECTIVE. 1971. *The Organizer's Manual*. New York: Bantam. 1971.

ORUM, A. M., e WILSON, K. L. 1975. "Toward a Theoretical Model of Participation: Political Movements. I. Leftist Movements".

---

*Movimentos Sociais*. Vol. 02, num. 02, jan./jun. 2017. [205]

Unpublished paper. Department of Sociology, University of Texas at Austin. 1975.

PERROW, C. 1970. "Members as Resources in Voluntary Organizations." Pp. 93-116 in: Rosengren, W. R. e Lefton, M. (orgs.). Organizations and Clients. Columbus, Ohio: Merrill. 1970.

\_\_\_\_\_. 1972. Complex Organizations: A Critical Essay. Glenview, Ill.: Scott, Foresman. 1972.

POMBEIRO, B. G. 1975. "Recession Cripples Social Aid Groups". Philadelphia Inquirer. (October 12), pp. 1-2. 1975.

QUARANTELLI, E. L., e Hundley, J. R. 1975. "A Test of Some Propositions about Crowd Formation and Behavior." Pp. 317-86 in: EVANS, R. R. (Org.). Readings in Collective Behavior. 2<sup>a</sup> ed. Chicago: Rand McNally. 1975.

ROSE, A. 1967. The Power Structure. New York: Oxford University Press.

ROSS, D. K. 1973. A Public Citizen's Action Manual. New York: Grossman. 1973.

ROSS, R. 1975. "Generational Change and Primary Groups in a Social Movement". Unpublished paper. Clark University, Worcester, Mass. 1975.

SALE, K. 1973. SDS. New York: Random House. 1973.

SALISBURY, R. H. 1969. "An Exchange Theory of Interest Groups". Midwest Journal of Political Science, 13 (February): 1-32.

SAMUELSON, P. 1964. Economics: An Introductory Analysis. New York: McGraw-Hill.

---

Movimentos Sociais. Vol. 02, num. 02, jan./jun. 2017.  
[206]

SMELSER, N. 1963. *Theory of Collective Behavior*. New York: Free Press.

SNYDER, D. e TILLY, C. 1972. "Hardship and Collective Violence in France." *American Sociological Review*, 37 (October): 520-32. 1972.

STALLINGS, R. A. 1973. "Patterns of Belief in Social Movements: Clarifications from Analysis of Environmental Groups". *Sociological Quarterly*, 14 (Autumn): 465-80. 1973.

STINCHCOMBE, A. L. 1965. "Social Structure and Organizations." Pp. 142-93 in: March, James. *Handbook of Organizations*. Chicago: Rand-McNally.

STOUFFER, S. 1955. *Communism, Conformity and Civil Liberties*. Garden City, NY: Doubleday.

STRICKLAND, D. A., e JOHNSTON, A. E. 1970. "Issue Elasticity in Political Systems". *Journal of Political Economy*, 78 (September/October): 1069-92. 1970.

TILLY, C. 1973. "Does Modernization Breed Revolution?". *Comparative Politics*, 5 (April): 425-47. 1973.

\_\_\_\_\_. 1975. "Revolution and Collective Violence." Pp. 483-555 in: GREENSTEIN, F. e POLSKY, N. (orgs.). *Handbook of Political Science*. Vol. 3. *Macro Political Theory*. Reading, Mass.: Addison-Wesley. 1975.

TILLY, C., L. TILLY, e R. TILLY. 1975. *The Rebellious Century: 1830-1930*. Cambridge, Mass.: Harvard University Press. 1975.

TULLOCK, G. 1966. "Information without Profit." Pp. 141-60. In: TULLOCK, G. (org.). *Papers on Non-Market Decision Making*. Charlottesville: University of Virginia, Thomas Jefferson Center for Political Economy.

---

Movimentos Sociais. Vol. 02, num. 02, jan./jun. 2017.  
[207]

TURNER, R. H. 1969. "The Public Perception of Protest." *American Sociological Review*, 34 (December): 815-31.

\_\_\_\_\_. 1970. "Determinants of Social Movement Strategies." Pp. 145-64 in: *Human Nature and Collective Behavior: Papers in Honor of Herbert Blumer*, edited by Tamotsu Shibutani. Englewood Cliffs, NJ: Prentice-Hall. 1970.

TURNER, R. N. e KILLIAN, L. 1972. *Collective Behavior*. 2ª ed. Englewood Cliffs, NJ: Prentice-Hall. 1972.

U.S. TREASURY DEPARTMENT. 1965. *Report on Private Foundations*. Washington, D.C.: Government Printing Office.

VON ESCHEN, D., KIRK, J. e PINARD, M. 1969. "The Disintegration of the Negro Nonviolent Movement." *Journal of Peace Research* 3:216-34.

\_\_\_\_\_. 1971. "The Organizational Sub-Structure of Disorderly Politics." *Social Forces*, 49 (June): 529-43. 1971.

WALZER, M. 1971. *Political Action: A Practical Guide to Movement Politics*. Chicago: Quadrangle. 1971.

WILKINSON, P. 1971. *Social Movements*. New York: Praeger. 1971.

WILSON, J. 1973. *Introduction to Social Movements*. New York: Basic. 1973.

WILSON, J. Q. 1973. *Political Organizations*. New York: Basic. 1973.

WOLFE, B. 1955. *Three Who Made a Revolution*. Boston: Beacon.

WOOTTON, G. 1970. *Interest Groups*. Englewood Cliffs, N.J.: Prentice-Hall. 1970.

---

Movimentos Sociais. Vol. 02, num. 02, jan./jun. 2017.  
[208]



ZALD, M. N. e ASH, R. 1966. "Social Movement Organizations: Growth, Decline and Change." *Social Forces*, 44 (March): 327-40.

ZALD, M. N. e JACOBS, D. 1976. "Symbols into Plowshares: Underlying Dimensions of Incentive Analysis." Unpublished paper. Vanderbilt University, Nashville, Tenn. 1976.

ZALD, M. N. e MCCARTHY, J. D. 1974. "Notes on Cooperation and Competition amongst Social Movement Organizations". Unpublished paper. Vanderbilt University, Nashville, Tenn. 1974.

\_\_\_\_\_. 1975. "Organizational Intellectuals and the Criticism of Society". *Social Service Review*. 49 (Setembro): 344-62. 1975.